

CHE - CÂMARA DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E EDUCAÇÃO ( COMUNICAÇÃO COORDENADA )

NOME: LEANDRO PENA CATÃO

TÍTULO: INCONFIDÊNCIA CONTESTAÇÃO E CULTURA POLÍTICA NO VICE-REINADO DO BRASIL DURANTE O PERÍODO POMBALINO

AUTORES: LEANDRO PENA CATÃO, LEANDRO PENA CATÃO

AGÊNCIA FINANCIADORA (se houver): PAPq UEMG

PALAVRA CHAVE: INCONFIDÊNCIA, COMPANHIA DE JESUS, AMÉRICA PORTUGUESA, PERÍODO POMBALINO

## RESUMO

Este projeto se propõe a analisar as consequências da expulsão dos padres da Companhia de Jesus da América portuguesa, que se deu durante o período pombalino. O projeto tem por objetivo dar seqüência a estudos já concluídos onde foram analisadas quatro Inconfidências na Capitania de Minas Gerais durante o período pombalino e cuja motivação foi a expulsão dos padres jesuítas, entre outros fatores. Pretende-se agora ampliar tal pesquisa para o Vice-Reinado do Brasil, analisando a repercussão da expulsão dos inicianos nas Capitânicas da Bahia, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Goiás e Mato Grosso. A Era pombalina foi um período de profundas transformações políticas, econômicas e sócio-culturais em Portugal e suas colônias ultramarinas. Dentre as medidas implementadas por Pombal, a expulsão dos jesuítas foi uma das mais marcantes, uma vez que os referidos padres gozavam de imenso prestígio dentro e fora de Portugal. Interessa a este pesquisa exatamente a repercussão da expulsão dos jesuítas no Vice-Reinado do Brasil.

Por todos os cantos da América portuguesa, parte dos vassallos de dom José I não hesitou em atacar violentamente sua pessoa em defesa dos jesuítas, o que caracterizava crime de inconfidência. Para muitos súditos, admiradores dos jesuítas, aquele gesto era inaceitável e denotava contornos tirânicos, o que justificava, sob a perspectiva jesuítica, os ataques à realeza e ao seu ministro Pombal. A chegada das ordens para a prisão, expulsão e confisco dos bens dos padres da Companhia de Jesus ao Brasil foi sucedida por uma onda de insatisfação em toda a América portuguesa. Em Minas Gerais, foram instauradas devassas a fim de apurar a disseminação de "papéis sediciosos" que atacavam violentamente o monarca e seu primeiro ministro devido à expulsão dos inicianos. Os papéis foram encontrados em Vila Rica e nos sertões da Capitania das Minas nos arredores do arraial de Santa Antônio do Curvelo. A Inconfidência de Vila Rica foi protagonizada por membros da câmara e por vários eclesiásticos, dentre os quais alguns membros do Cabido da Sé de Mariana. Mas as contestações ao poder monárquico efetuadas pelos jesuítas e seus partidários não se concentraram apenas nos primeiros momentos após a Ordem Régia que ordenava o banimento da Companhia de Jesus. Em Minas Gerais ocorreram outras três Inconfidências: em Mariana (1769), Sabará (1775) e novamente no arraial de Curvelo em (1776). Nesta nova etapa, ampliaremos para as Capitânicas circunvizinhas à de Minas Gerais a pesquisa sobre ações "sediciosas" dos jesuítas e seus adeptos nesse contexto em que se desenrolavam profundas transformações no mundo português. (CATAO, 2015)

A partir de uma análise preliminar da documentação existente no Arquivo histórico Ultramarino, observa-se que a ação dos jesuítas e seus adeptos foi, assim como nas Minas Gerais, muito intensa também nas Capitânicas de Goiás, Mato Grosso, Espírito Santo, Bahia e Rio de Janeiro. Esta pesquisa tem por objetivo analisar nestas partes da América portuguesa o impacto da expulsão dos jesuítas, assim como ampliar o escopo teórico a pesquisa anteriormente desenvolvida relativamente às Minas Gerais.

Trabalhos recentes, relativos a esse período, têm aberto um novo caminho, uma nova perspectiva de análise e interpretação dos movimentos sócias e políticos localizados na segunda metade do século XVIII. A análise dos eventos relacionados à expulsão dos jesuítas do mundo português (em particular na Capitania das Minas Gerais) revelou que datam do período pombalino os primeiros sinais de contestação ao poder metropolitano.(CATAO, 2015) Pretende-se também elucidar o quão importante foi a ação do "pensamento jesuítico" no processo de "dessacralização" da monarquia portuguesa. As inconfidências e demais delitos sobre as quais iremos nos debruçar neste trabalho possuíam escopo político até então desconhecido na América portuguesa. A metodologia utilizada será a análise documental, sobretudo a documentação produzida pela Secretaria do Conselho Ultramarino, que hoje compõe o principal acervo documental relativo a História da América portuguesa. Em Goiás, os jesuítas possuíam várias Missões no cominho que ligava aquela região às Capitânicas de São Paulo e Minas Gerais, mas atividade mais significativa localizava-se no norte de Goiás, na região que corresponde ao Estado de Tocantins. A notícia da expulsão dos jesuítas trouxe consternação à população indígena aldeada pelos jesuítas, que promoveu uma rebelião de grandes proporções contra as determinações oriundas de Lisboa. Os índios se rebelaram também em outras partes da capitania, e segundo as autoridades de Goiás, as perturbações tinham como mentores padres da Companhia que ainda andavam a solta disseminando a "sedição". Anos mais tarde, entre 1763 a 1764, Goiás foi assolada por nova rebelião indígena, dessa vez tendo por traz os jesuítas da América espanhola, muitos dos quais de origem portuguesa, o que nos leva a pensar que muitos jesuítas simplesmente atravessaram a "fronteira" quando chegaram naquelas partes da América portuguesa as ordens para a prisão e remoção dos jesuítas. Na capitania vizinha de Mato Grosso a situação não era diferente o contexto. Em novembro de 1759, na conjuntura em que eram presos os padres da Companhia de Jesus, estourou uma "conjuração" orquestrada pelos jesuítas, mas que foi dissipada pelas forças do governador Antônio Rolim. Assim como em Goiás, no Moto Grosso foram fortes as investidas dos jesuítas sediados na América Espanhola, que segundo o governador instigava a população indígena assim como as autoridades castelhanas contra as Ordens de Sua Majestade.